

O perigo adormece sob as marquises do Centro

Dois anos após operação para detectar problemas, ainda há risco para os pedestres

LIDIANE DINIZ

DA REDAÇÃO

Pedaços de reboco que caíram da marquise de um prédio na Rua João Pessoa chamaram a atenção para um problema que se arrasta há anos no Centro de Santos. Por sorte, a chuva forte esvaziou as ruas e ninguém ficou ferido. Mesmo rotineira aos olhos de alguns, a ocorrência registrada no sábado indica que, quase dois anos após o início da operação de *caça às marquises*, segurança ainda não faz parte da rotina de quem costuma caminhar pelas ruas do Centro de Santos.

O fato é que pouco mudou no cenário do bairro depois da queda da fachada de um imóvel na Avenida Senador Feijó, no início de 2011. Nem mesmo a intimação dos proprietários dos 1.085 imóveis que a Prefeitura julgou necessitarem de reparos urgentes foi suficiente para reduzir os riscos de desabamento de marquises e fachadas dos antigos imóveis que compõem o cenário do bairro.

O motivo: apenas cerca de

Estatísticas

3 mortes foram registradas por quedas de marquises nos últimos dez anos. A última, em 2011, foi a do assistente de documentação Cleber Beltrame Souza, de 33 anos, na Pça. Barão do Rio Branco

7 desabamentos foram registrados desde 2001

10% dos prédios passaram por algum tipo de recuperação, de acordo com determinação do Departamento de Obras Particulares (Deop), ligado à Secretaria de Infraestrutura e Edificações da Prefeitura.

A situação se torna ainda mais evidente com a previsão

de meteorologistas, segundo as quais a próxima estação será de grande volume de chuvas, tornando ainda maior o risco de queda de parte das estruturas já danificadas. Foi o que ocorreu no sábado, no imóvel localizado entre os números 139 e 141 da Rua João Pessoa.

BASTA ANDAR PARA VER

Entretanto, a marquise não é a única sob risco. Numa simples caminhada pelas ruas do Centro, *A Tribuna* constatou que, apesar de algumas intervenções, infiltrações, armações de ferro expostas, rebocos caídos e concreto rachado ainda são observados em muitos imóveis.

Uma das estruturas mais afetadas aos olhos de cidadãos leigos, isto é, não especializados, é a do imóvel de número 161 da Rua XV de Novembro. Escorada por estacadas, a estrutura apresenta danos, como ferragens aparentes e parte do concreto quebrada e rachada.

Mesmo com o perigo, foi possível flagrar grande número de

pedestres passando pelo local na manhã de ontem.

Durante o percurso, foi observado, ainda, que muitas marquises foram demolidas, como resultado de ordens da Prefeitura. Entre elas, a de um imóvel sem número na Praça Rui Barbosa, localizado na esquina com a Rua do Comércio; e a do número 206 da Rua Amador Bueno.

Outras, que estavam escoradas para manutenção, tiveram as estacas retiradas há algumas semanas ou dias. Entre elas, a do Edifício Oscar de Souza Dantas, na Rua D. Pedro II. A marquise, que ficou por longo tempo sustentada para reforma, aguarda liberação dos serviços de pintura para voltar à aparência original.

De acordo com o zelador do prédio, Luiz Vanderley de Oliveira, os proprietários esperam avaliação da Prefeitura, que deve autorizar a pintura na sequência. "A recuperação já foi concluída, só falta mesmo pintar. Está tudo em ordem", garante.



Quem passou neste ponto da rua João Pessoa, sábado, se assustou



ALBERTO MARQUES



ALBERTO MARQUES

Fachadas em mau estado também levam risco para quem caminha perto delas, como no antigo prédio do Ambesp, na esquina das ruas do Comércio e Gonçalves Dias (à esq.); na Av. Senador Feijó, outro exemplo

Nas fachadas de edifícios, também

■ Não são apenas as marquises que oferecem risco à vida de pedestres nas ruas do bairro. As fachadas deterioradas revelam outro perigo.

Um exemplo é a fachada do antigo prédio do Ambulatório de Especialidades (Ambesp), localizado na esquina das ruas do Comércio e Gonçalves Dias. Abandonado desde que o equipamento da rede pública de saúde foi desativado no local, o

imóvel tem sido motivo de transtorno a pedestres e trabalhadores que atuam em empresas sediadas nas imediações.

Na manhã de ontem, parte do reboco caiu na calçada que contorna o prédio. Ninguém ficou ferido, mas não é a primeira vez que parte da estrutura cai na calçada. Meses atrás, segundo funcionários da Delegacia da Receita Federal, parte da janela atingiu uma funcioná-

ria, que teve o braço quebrado e escoriações.

"É absurdo. A impressão que temos é que o Centro Histórico termina na Bolsa de Café. O abandono desse prédio é uma lástima", queixa-se o inspetor de carga Sócrates Oliveira Mattosinho.

Ele, que trabalha há dez anos em um imóvel defronte ao prédio, critica a inércia da Prefeitura diante da deterioração dos

imóveis antigos do Centro. "Como as autoridades deixam chegar a esse ponto sem fazer nada?", desabafa.

Chamada por funcionários da Receita Federal, a Defesa Civil de Santos esteve no local, depois de acionada pelo Corpo de Bombeiros. Uma equipe comandada pelo engenheiro Manoel Carlos Picado observou e fotografou de longe o imóvel, que tem acesso bloqueado.

De acordo com o responsável, a Defesa Civil registrará a ocorrência, emitirá ofício para fiscalização e pedirá o isolamento do local por tapumes, contra acidentes. "Exigiremos que os responsáveis pelo prédio retirem as partes que estiverem mais propensas à queda".

SENADORFEIJÓ

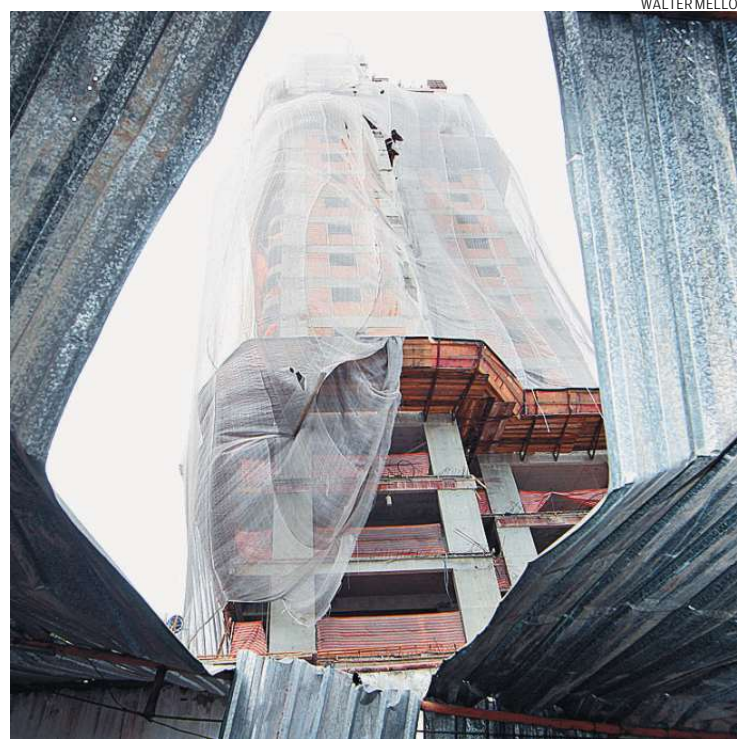
Outro imóvel cuja fachada está sob risco de desabamento se localiza na esquina das ruas Senador Feijó e General Câmara.

Com entrada principal situada na General Câmara, o pré-

dio está com as paredes e o telhado totalmente comprometidos.

A Prefeitura já constatou a necessidade de reparos urgentes, mas nada foi feito para evitar tragédias no local. A Administração fez a mesma observação a uma quadra dali, há quase dois anos, também sem efeito.

Como o casarão é de propriedade particular e, portanto, não pode ter intervenção direta da Administração, o departamento responsável já emitiu intimações ao dono do imóvel, não atendidas.



WALTER MELLO

Rede de proteção não segurou os objetos caídos. Resultado: avarias

E o vento levou, a 22 andares do chão

FERNANDO DE SANTIS

DA REDAÇÃO

Por vezes, a notícia não é o que foi, mas o que poderia ter sido. De 22 andares, o equivalente a aproximadamente 60 metros, uma forma de concreto com mais de três metros de comprimento e vigas de madeira com a mesma extensão se soltaram, dançaram ao vento e chegaram ao solo com violência.

Naquele instante, por volta das 9h30 de ontem, o vento nordeste chegava 18 nós, ou 35 quilômetros por hora (km/h), segundo a Base Aérea de Santos. Um vento quente e carregado de umidade que não bate em rajadas, mas, em empurrões regulares de pressão inten-

sa e persistente.

Vilson Santos Matos, morador do Morro do Pacheco, não havia pegado sua motocicleta para ir ao trabalho. Estava na padaria próxima à subida do morro, na Rua Visconde de Embaré, no Valongo. A menos de 100 metros dele, um pedreiro — que optou pelo anonimato — enchia uma laje no primeiro andar de um prédio, acompanhado por outros colegas.

O aposentado Roberto Luis Alves Viana conversava no portão de sua casa, na Rua Cristiana Otoni, via que termina na padaria onde estava Vilson.

Os três ouviram a queda dos objetos. O pedreiro viu a forma cair perto, a não mais de cinco

metros de onde trabalhava, e ainda tinha as mãos trêmulas ao falar do assunto, à tarde. E Roberto notou que, depois do vendaval, os pedriscos em seu quintal deram lugar a um pedaço de madeira que desabou no muro de sua propriedade.

Vilson ouviu o estrondo e pensou que o prédio tinha caído. No estacionamento onde guarda sua moto, não havia mais a cobertura. Em seu lugar, telhas distorcidas por cinco ou mais lajes de madeira em formato de H, que serviam para colocar a forma enorme que caiu ao lado do pedreiro.

Sua moto, uma lancha e outras três motocicletas, todas colocadas perto do muro dos fun-

dos do estacionamento, saíram ilesas — exceto por uma avaria leve em uma delas. O pedreiro, Vilson e Luís nada sofreram.

Responsável pela obra, a construtora Cyrela Brazil Realty informou, em nota, que "medidas de segurança foram reforçadas após o ocorrido com o objetivo de evitar danos causados por uma nova rajada de vento ou fenômeno natural semelhante. A seguradora responsável pelo empreendimento já foi acionada e deve arcar com os prejuízos causados aos proprietários do estabelecimento e (do) veículo atingidos pelos fragmentos de madeira".